

# Fusões e aquisições caem ao menor nível em três anos

Arash Massoudi, James Fontanella-Khan e Don Weiland  
Financial Times, de Londres,  
Nova York e Hong Kong

O valor total de fusões e aquisições no mundo despencou para o patamar mais baixo em três anos. Isso se deveu à soma recorde das propostas retiradas, ao recuo acentuado do nível de atividade de negócios nos EUA e à baixa recorde, em 20 anos, do envolvimento britânico em operações de aquisição.

Dados da Thomson Reuters

mostram que o nível de atividade de fusões e aquisições desacelerou consideravelmente nos três primeiros trimestres de 2016. Nesse período, as companhias formalizaram US\$ 2,37 trilhões em negócios desse gênero — uma queda de 22% em relação ao nível recorde de atividade de há um ano. A desaceleração foi mais aguda nos EUA, onde o valor das fusões e aquisições caiu 31% nos nove primeiros meses do ano, para US\$ 1 trilhão.

Mas em todo o mundo uma série de grandes operações dessa natureza fracassou, contribuindo para o valor recorde de propostas retiradas, de US\$ 692 bilhões.

“Há uma certa cautela, à luz do número de transações barradas”, disse Rob Kindler, diretor mundial de fusões e aquisições do Morgan Stanley. Ele apontou para negócios condenados desde o início, como a fusão, por US\$ 6,3 bilhões, entre a Staples e a Office Depot, que foi bloqueada pelos órgãos reguladores americanos sob a alegação de que as empresas teriam sido “obrigadas a fe-

char negócio por ativistas”.

Transações no valor de US\$ 5 bilhões ou mais responderam por US\$ 817 bilhões do total, num recuo de 40% em relação a 2015. Porém, algumas das maiores operações do ano foram pactuadas no terceiro trimestre, como a tomada de controle da Monsanto pela concorrente Bayer, por US\$ 66 bilhões.

Daniel Wolf, do escritório de advocacia Kirkland & Ellis, de Nova York, disse que é um erro avaliar o mercado apenas pelo volume total das transações em dólares. “Uma

unidade de medida muito melhor é o número total de fusões e aquisições realizadas, e esse número subiu significativamente”, disse.

Dados mostram que foram anunciadas cerca de 140 transações de mais de US\$ 1 bilhão no período de três meses encerrado no fim deste mês — em linha à média dos últimos dez trimestres.

Mas o envolvimento do Reino Unido na formalização de fusões e aquisições, que respondia por 10% a 20% da atividade mundial, recuou para 8% até agora este ano. A

queda ocorreu no momento em que alguns grandes negócios, como a tomada de controle, por 24,3 bilhões de libras esterlinas, da empresa de projeto de chips Arm Holdings pelo japonês SoftBank, foram formalizados na esteira do referendo que aprovou a saída do Reino Unido da União Europeia.

O volume de fusões e aquisições europeias caiu 19% no ano, para US\$ 484 bilhões, enquanto o nível de atividade da área na região da Ásia-Pacífico recuou 20%, para US\$ 625 bilhões. **FT**

**América do Sul** Em meio a ajuste fiscal, país gastará bilhões com implementação do acordo com as Farc

## Guerra foi caríssima, mas paz também terá custo na Colômbia

Marsilea Gombata  
De São Paulo

No próximo domingo, os colombianos vão às urnas decidir se apoiam ou não o acordo de paz entre o governo e a guerrilha Farc. Além de 220 mil mortos, os 52 anos de guerra civil causaram um prejuízo econômico imenso ao país. Mas a paz também terá um custo. E essa conta deve pesar num momento em que a Colômbia precisa fazer um duro ajuste fiscal.

Pesquisas indicam que o acordo de paz, assinado nesta semana pelo presidente Juan Manuel Santos e pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (as Farc), deve ser aprovado, com ao menos 55% dos votos (leia texto abaixo).

O acordo deve estimular a economia, mas prevê-se também que terá um custo elevado de implementação, de ao menos US\$ 8,7 bilhões na próxima década.

A estimativa é da senadora Claudia López, autora do livro “Adiós a las Farc! E ahora qué?”, de 2016, e implicaria um gasto anual equivalente a 0,3% do PIB colombiano. Segundo a parla-

mentar da Alianza Verde, os gastos dizem respeito às novas obrigações do Estado com o acordo, como atenção social e econômica ao guerrilheiros no processo de reintegração, investimentos em terras minadas, substituição de cultivos ilícitos e um sistema de Justiça de transição.

“Se você aspira a uma paz duradoura não adianta só desmobilizar as Farc e cumprir um protocolo. É preciso levar o Estado àquela que não têm e trabalhar a inclusão de 15 milhões de pessoas”, diz. Isso é um terço da população.

Para isso, estima López, o país precisaria ainda investir nos próximos 15 anos cerca de US\$ 116 bilhões (algo como 1,6% do PIB por ano). A quantia seria destinada a projetos de desenvolvimento agrícola e assistência social em 455 municípios atingidos pelo conflito (sendo 388 rurais).

O levantamento da senadora não é o único. A Fundação Paz e Reconciliação, de Bogotá, estima serem necessários US\$ 8,62 bilhões nos três primeiros anos apenas para a implementação do acordo, valor que em dez anos deve dobrar e

chegar a US\$ 17,42 bilhões.

Já um estudo de 2014 do Bank of America Merrill Lynch mostra que a implementação do acordo com as Farc pode custar entre 1% e 3,8% do PIB, dependendo da quantidade de programas a serem executados. O total envolvido no processo de paz, incluindo os investimentos em áreas atingidas, iria de US\$ 53 bilhões a US\$ 187 bilhões.

Ainda assim, o custo estimado da paz não chega a um terço dos gastos no conflito. No livro “Las Cifras del Conflicto Colombiano”, o ex-ministro de Minas e Energia Diego Otero Prada estima que o governo colombiano gastou, nos últimos 38 anos, US\$ 115,9 bilhões somente com defesa e Justiça.

Apesar de valor necessário para implementar o acordo de paz não ser elevado, a Colômbia enfrenta um período de desaceleração econômica e ajuste fiscal. Com 20% da receita dependentes da exportação do petróleo, o governo espera o plebiscito passar para aprovar ainda neste ano uma reforma tributária que amplie a arrecadação. O déficit público, em alta, deve chegar a 3,9% do PIB neste ano.



Cartaz de propaganda eleitoral em favor do acordo com as Farc, em Bogotá, diz: “A gente vota sim pela paz”

Marc Hofstetter, economista da Universidade de los Andes e autor do estudo “Paz y PIB”, diz que o país terá dificuldade para cumprir o prometido nos acordos de paz. “Se faltam recursos para uma série de compromissos, ou o governo sobe os impostos ou aumenta o déficit, o que parece improvável”, analisa. “A alternativa seria levar adiante uma reforma tributária, cujo tamanho dificilmente será suficiente para cobrir todos os gastos previstos no pacto com a guerrilha.”

Com a dificuldade operacional, a Colômbia busca captar recursos no exterior, tanto de doações como em investimentos nas áreas atingidas pela guerra.

A Agência Presidencial de Cooperação Internacional da Colômbia

trabalha para atrair doações e criou até agora três fundos para a paz. Segundo o diretor Alejandro Gamboa, o órgão conseguiu angariar US\$ 160 milhões para esses fundos conjuntos. A meta é chegar a US\$ 3,3 bilhões em quatro anos.

O Fundo Nações Unidas para o Pós-Conflito conseguiu, com doações de Suécia, Noruega, Reino Unido, Canadá, Irlanda e Alemanha, US\$ 50 milhões para a implementação do acordo. O Fundo para a Paz e o Pós-Conflito do Banco Mundial tem aportes de US\$ 10 milhões para a reintegração dos ex-guerrilheiros. O Fundo União Europeia para o Pós-Conflito tem US\$ 100 milhões doados pela Comissão Europeia e também por países europeus para impulsionar

o desenvolvimento rural.

Além disso, o governo buscar atrair investimentos estrangeiros para projetos de agricultura e pecuária nas regiões mais afetadas pela guerra, caso seja aprovado o acordo de paz no domingo.

Nos médio e longo prazos, estima-se que os ganhos econômicos com o acordo de paz sejam em média equivalentes a 1% do PIB por ano. Estimativas do Deutsche Bank e da Associação Nacional de Instituições Financeiras (Anif) da Colômbia falam em um aumento de 0,5% no PIB. Já o Departamento Nacional de Planejamento prevê um crescimento adicional de entre 1,1% e 1,9% por ano. Já o economista Hofstetter prevê um incremento anual de 0,5% do PIB.

## Acordo deve ser aprovado em plebiscito no domingo

De São Paulo

Às vésperas do plebiscito sobre o acordo de paz na Colômbia, pesquisas apontam para uma vitória do “sim”. A consulta Dataxco divulgada na terça-feira mostrava que, dos 67,1% dos colombianos dispostos a irem às urnas neste domingo, 55% votariam a favor do acordo assinado entre o governo colombiano e a guerrilha Farc, enquanto 36,6% são contrários.

Uma semana antes, a consulta feita pela Invamer confirmava que

67,7% votariam pelo “sim”, contra 32,4% que tendiam ao “não”. Dos entrevistados, 31,9% afirmaram que compareceriam às urnas. A legislação exige a presença de ao menos 13% do eleitorado.

Ex-ministro da Suprema Corte, Eduardo Cifuentes diz que a oposição ao acordo de paz entre o governo de Juan Manuel Santos e as Farc se deve ao fato de o processo ter sido negociado de maneira sigilosa, o que deu munição para opositores ao acordo, como o ex-presidente Álvaro Uribe (2002-2010).

Juan Manuel Santos foi ministro da Defesa e herdeiro político de Uribe, mas se afastou da política de enfrentamento da guerrilha e iniciou as negociações de paz. Na última semana, Uribe afirmou que há um “diabo escondido nas 297 páginas” do acordo de paz e acusou Santos de premiar guerrilheiros.

Negociadores do governo, no entanto, negam ter cedido demais às Farc e dizem que guerrilheiros, que cometeram crimes contra a humanidade estarão sujeitos às mesmas penas que agentes do Es-

tado condenados por crimes de guerra. Opositores alegam que o acordo implica uma amnistia geral.

“Quem cometeu assassinatos, massacre, sequestro, recrutamento de menores não terá amnistia e será julgado em tribunais”, afirma Frank Pearl, que foi alto comissariado para a paz e negociou com a guerrilha. “Se disserem toda a verdade, pagarão com pena de cinco a oito anos de trabalho social. Se falarem parte da verdade, serão de cinco a oito anos presos. E caso não digam a verdade, estão sujeitos a

penas de 20 a 40 anos de prisão.”

O acordo assinado na segunda-feira é considerado um divisor de águas na história da Colômbia, que em 30 anos teve mais de dez processos de paz.

“Este é o processo de paz mais importante que o país teve. Os anteriores buscavam apenas a desmobilização dos guerrilheiros e não necessariamente mexer com a estrutura que permitiu o surgimento das guerrilhas”, observa Ariel Ávila, da Fundação Paz e Reconciliação e autor de “Los Retos

del Postconflicto – Justicia, Seguridad y Mercados Ilegales”, sobre a negligência do Estado nas áreas atingidas pela guerra civil.

Por focar na incorporação dos guerrilheiros à vida política e no desenvolvimento de setores como agricultura e construção nas zonas que sofreram com o conflito, a expectativa é que o acordo sirva de modelo para negociações futuras, como com o Exército de Libertação Nacional (ELN). O grupo possui 5 mil membros e tem ao menos quatro reféns em seu poder. (M.G.)

### Curtas

#### EUA crescem mais

A economia dos EUA cresceu 1,4% ao ano no segundo trimestre, uma leve melhora em relação à estimativa anterior de 1,1%, segundo dado final oficial divulgado ontem. O ritmo de crescimento no segundo trimestre se acelerou ante os três meses anteriores, quando a alta havia sido de 0,8%. Ainda assim, permanece abaixo da média de 2% observada desde o fim do último ciclo de recessão, em meados de 2009.

#### Espanha eleva previsão

O Banco Central da Espanha revisou em alta a estimativa de crescimento do país para este ano de 2,7% para 3,2%, citando de desempenho robusto da demanda e dos investimentos. Mas manteve a estimativa para 2017, de desaceleração da expansão para 2,3%, em virtude do abrandamento do ritmo de atividade nos principais parceiros comerciais.

### Adeus a Shimon Peres



A polícia israelense montou uma grande operação de segurança para o funeral do ex-premiê e ex-presidente Shimon Peres, em Jerusalém. O presidente dos EUA, Barack Obama, será um dos oradores da cerimônia, que contará com vários líderes, como

a premiê alemã, Angela Merkel, o presidente francês, François Hollande, e o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon. O presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, também confirmou presença. Nobel da Paz em 1994, Peres morreu anteontem, aos

93 anos. Ele havia sofrido um derrame há duas semanas. O velório, no prédio do Parlamento, foi aberto ao público ontem. Milhares de pessoas (foto) fizeram fila na praça em frente para prestar a homenagem ao ex-líder do Partido Trabalhista.

## Brexit é o maior risco à economia da UE, diz estudo

Bloomberg

O Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia (UE), representa o maior risco para a economia da região, pois a perspectiva de um processo de ruptura prolongado ampliará as incertezas, segundo uma previsão preparada para o governo alemão.

A Alemanha e o restante da UE poderão sofrer economicamente, se as negociações sobre os termos da saída do Reino Unido do bloco de 28 membros se arrastarem, disseram os institutos econômicos Ifo (Munique), DIW (Berlim), IWH (Halle), RWI (Essen) e IfW (Kiel), ao apresentar suas previsões. Como fator de risco, o Brexit vai superar os problemáticos setores bancários na Itália e em Portugal, assim como os conflitos na região leste do Medi-

terrâneo, segundo os institutos.

Movimentos populistas estão se fortalecendo em toda a UE e diante das eleições na Alemanha e na França no ano que vem, quaisquer divergências em relação ao Brexit ampliarão os problemas da região, em meio às suas dificuldades diante do esfriamento do crescimento. Os institutos cortaram suas previsões de crescimento para a maior economia da Europa para 1,4%, de 1,5% projetado em abril, citando quedas nas exportações.

A incerteza sobre o futuro acesso do Reino Unido ao mercado de 27 países poderá significar “uma longa fase de contenção de investimentos no Reino Unido e, em menor grau, no restante da UE”, apontam os analistas. O crescimento na Europa poderá ficar paralisado, se uma desaceleração mundial se aprofundar, aponta o relatório.